

# O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES : DIVERSOS

4

ANNO I

Redacção  
R. 15 de Novembro, 43  
1898

CURITYBA, 6 DE MARÇO DE 1898

Assignaturas  
Mensual . . . . . 18000  
EQUIPAMENTO ARRIANTADO

N.º 1



## Meus caros confrades

Curityba, 3 de Março de 1898.

Obedecendo á honra que me destes de apresentar em publico a vossa revista de arte — *O Sapo* — deixei pomposidades doutoras por esse tom amavel e de boa camaradagem da epistola. E tão simples desejo ser que até o vós de que me eston servindo já me vai parecendo um pouco solemne de mais.

Caros confrades.

A mocidade litteraria paranaense, á semelhança de toda a mocidade brasileira de letras, tem firmado em todos os tempos um alto e magnifico protesto contra a indiferença absurda, que a rodeia e suga. O Brasil é um paiz de surdos-mudos e cegos para tudo que é fino, subtil e intellectual, e só entende e applaude o hystrião politico que o diverte com o acrobatismo de saltos mortaes, e farças mirabolantes; mas o moço que nasceu para trabalhar a forma, mas o moço que sente em si a disposição artistica invencivel, como um impulso physiologico, tudo esquece, e vel-o ahi vai sem recuar um passo. Elle não chegará de certo a fazer metade da obra sonhada, e que o seu espirito, em

outras condições de meio, o levaria a realizar, a perfeição será de uma relatividade lastimavel; mas desse tumulto de ambições irregulares e incompletas nasce todavia alguma coisa, que ha-de gravar em bronze a passagem pela terra de um ser excepcional.

Zola disse algures, em um dos seus livros de combate, que á litteratura deve um moço lançar-se como quem se atira a um rio para aprender a nadar. Si em Pariz, onde os mais requintados e os mais macabros entendimentos de arte, os Baudelaire, os Verlaine e os Huysmann conseguem, apesar de tudo, ter um publico selecto, é necessaria a bravura de que falla Zola, de que heroismo — oh! quanto! não é preciso revestir-se um homem que no Brasil queira tomar uma penna e ser verdadeiramente um fino homem de letras? Deveis notar que eu me refiro ao fino escriptor e não ao baixo cosinheiro de revistas theatraes e de todo esse immundo guizado servido ao paladar da cocote e do *commis voyageur*. Os Ohnet aqui no Brasil, e de resto em todo o Universo, sobem ao delirio da popularidade em tres saltos, como os *clowns* da politica. São os nossos *deputados* litterarios.

Mas eu devo esquecer tudo, neste momento, para só pensar em vós e na vossa arte.

Pertenceis á novissima geração, e ide florescer numa época em que a escriptura chegou á uma perfeição insolita, emoções e processos os mais bizarros postos em uso. O caminho a seguir é difficil, pois. Mas que digo eu? Si o vosso talento é superior, como eu penso, si sois moços de

fé, como eu creio, que altas montanhas tendes a remover que não as removereis? Com que exercitos formidaveis ireis lutar que não os possais vencer, a fio de espirito, a golpes de audacia, com esse ar a um tempo quixotesco e adoravel, que tão bem vai aos cavalleiros da pluma branca do Ideal?

A vida litteraria é cruel, meus confrades. Ah! mas que ouro da terra póde pagar a ventura de conceber-se e executar-se uma obra nova e rara! Quando um escriptor vibra realmente na sua obra de arte, elle paira tão alto, tão esplendidamente acima do mundo, n'uma emoção tão sonora e resplandecente, que cousa alguma póde conter o seu ardor monstuoso e divino. Apuê-o a turba, veja-o a indiferença com olhos vesgos, elle segue os seus caminhos de opala, com mais riqueza e pompa do que o rei Salomão.

Foi depois de uma apurada observação das cousas, foi n'um extase de crença absoluta, que o sereno e olympico Eça de Queiroz disse esta verdade que vos deve servir de bandeira: — *Arte é tudo; tudo mais é nada.*

Eu vos saúdo.

Confrade e admirador  
EMILIANO PERNETTA.



## Canção de Amor

( A UM ANNIVERSARIO )

Virgem branca e loura, dou-te almo sacrario,  
Virgem branca e loura, —dou-te o coração!

Canon—DARIO VELLOZO.

N'uma barcarola toda enluarada,  
Toda enluarada pelo teo olhar,  
Venho alegremente, minha doce amada,  
Minha doce amada, venho te brindar ;  
N'uma barcarola toda enluarada,  
Toda enluarada pelo teo olhar.

Trago de açucenas um bouquet mimoso,  
Um bouquet mimoso, cheio de frescor,  
Todo rutilante... todo perfumoso,  
Todo perfumado pelo nosso amor ;  
Trago de açucenas um bouquet mimoso,  
Um bouquet mimoso, cheio de frescor.

E' presente pobre que com muito medo,  
Que com muito medo deixo em tua mão ;  
Guarda essas flôres, mystico segredo,  
Mystico segredo é meo coração ;  
E' presente pobre que com muito medo,  
Que com muito medo deixo em tua mão.

THIAGO PEIXOTO

### Rondel

Comme un paysage de lumière  
Dans la charté d'or du matin  
Ta chevelure de satin  
Brille sur ta figure fière.

L'amour en sa beaute première  
Parle dans ton regard mutin  
Comme un paysage de lumière  
Dans la clarté d'or du matin.

J'aime la grace familière  
De ton rire vif, argentin,  
Après qu'un baiser clandestin  
A fait allumer ta paupière  
Comme un paysage de lumière.

JOÃO ITIBERÉ

### Recreio

A' Sebastião Paraná.

Manhã esplendida.  
Paquita, — a formosa creança  
de olhos suavemente pretos, de  
uma vivacidade toda graciosa,  
embriagadora, para o mortal que  
tivesse a felicidade da sua convi-

venia, era occultamente adorada  
por um coração puro, por uma  
dessas construcções delicadas...  
por um artista ! Senio, — era esse  
artista. Perola finissima, com es-  
sa pallidez divina de fronte, que  
bem caracteriza a suavidade...  
Como se encontrava, Senio, feliz  
n'essa manhã em que a natureza  
parecia ser tão prodiga dos seus  
innumeros attractivos ! Lembra-  
va-se do dia delicioso que ia pas-  
sar na companhia d'aquella que  
era Senhora de todas as suas  
Illusões !...

Estava projectado um passeio  
ao mar, irião até a Ilha das Co-  
bras, e, lá, d'aquella bella praia,  
semelhando alvissima toalha es-  
tendida, deliciados pela viração  
marinha, correndo descalços ao  
longo da praia... lançariam suas  
vistas longe, muito longe, procu-  
rando descobrir os mysterios do  
mar !...

\*\*\*

As 7 horas da manhã, zarpou

do porto garbosa canôa, appare-  
lhada com simplicidade levando  
physionomias risonhas !

Senio e Paquita, eram os mais  
felizes. Ella, com uma ingenu-  
idade sublime atirava gracejos á  
uns e a outros ; chamava a atten-  
ção de Senio por vezes destrahida,  
para vêr as mães d'aguas que  
passavam rentes cortando o ver-  
de-claro das aguas ; levantando  
uma das mangas do seu corpete  
rosa, debruçava-se na bórda dei-  
xando vêr seu bracinho torneado,  
todo humido... Que alegria não  
era para ella quando rufando as  
azas passava uma gaviota tão  
perto á sua cabeça !...

Agora, já se descobre a Ilha  
em toda a sua forma, deixando  
vêr a exuberancia da sua vege-  
tação...  
\*\*

A Ilha approxima-se, os re-  
madores estimulam-se....

Na praia brincam duas ver-  
dadeiras creanças : quanta con-  
chinha multicolor recolhe Paquita  
em seu regaço, e, Senio correndo,  
com os labios em sorriso, para a  
sua companheira, vem augmen-  
tar o numero dellas.

Como são felizes !

Fatigados, assentam-se, pro-  
tegidos dos raios do sol pelos  
ramos cerrados de uma arvore.  
Alli, n'um esquecimento comple-  
to do mundo, Senio, teve n'um  
beijo a sagração do seu amor !

O mar, estendia-se a perder  
de vista n'uma quietude hypo-  
crita !...

LEOCADIO CORREIA.

Março—98.



### Recordações

Sempre que se approxima o Carnaval  
lembro-me do meo bom tempo de crean-  
ça.

Com que anciedade não esperava o  
saudoso Domingo Gordo ! Parecia-me  
nunca chegar esse dia ; que eu, morria  
antes e não acreditava que fosse-me dada  
a ventura de envergar o meu dominó  
de metim de 160 o metro da « Casa do  
Povo » do Zacarias, lá na rua de Matto  
Grosso, ou a tradicional roupa de diabo



que minhas irmãs ás pressas preparavam, em quanto eu (primeiro cuidado) enchia o rabo de serragem de caixa de kerozene... Imaginem como não sahia esse rabo cheirado... Sim, porque um diabo sem rabo é como um mascaradinho sem avra.

Quinze dias antes e já a celebre vara de marmelleiro ou chorão, bem temperado, flexível e as vezes untada com toucinho, já estava de promptidão e guardada junto com a vestimenta, pois constituia a oração principal da meninada.

E com que prazer derrubava-se a vara n'um allemãosinho qualquer!

Fiados de que é *inviolavel* a mascara de um cidadão, chegava-se a celebre vara, as vezes com gosto, no pello da molecada que, n'uns pulinhos muito significativos gritava n'um côro infernal e cadenciado: — *Mascarado do pé rasgado!*...

Foi por esse tempo que eu sahi de mascara com o Leocadinho, Epaminondas e mais alguns amigos da infancia.

Vesti-me e sahi pelos fundos do quintal com todas as precauções que tem um mascara de importancia que não quer ser conhecido...

A minha phantasia constava de um pala velho, sapatos mais velhos ainda, calças pelo avesso, chapéo de abas largas, velhissimo e a mascara, roubada não sei de quem, lôra por mim pintada de azul, mas um azul terrivel, que nunca seccava de forma que quasi *escorria* o óleo...

Pulo na rua e já a *gurizada* formou *rôda*, rompendo no tal côro infernal e cadenciado: — *Mascarado, de pé queimado!* e acompanhado tudo isso dos taes pulinhos de que falei.

Da criangada toda o mais terrivel o mais levado, era um allemãosinho de carinha pintada, um Fritz, que quasi arrancou-me o pala.

Consegui com alguma dificuldade ver-me livre da *corja* e fui ter com os meos companheiros no logar aprasado.

Envergonhei-me devéras: pois o Leocadinho, Epaminondas e outros, estavam *ricamente vestidos* comparadamente a minha phantasia!...

Segue a *tropa*. Depois de correremos estupidamente por estas ruas de Corytiba, suarentos, roucos da gritaria, enlameados até os joelhos, havia chovido muito, já era noite e o Leocadio teve a ideia de convidar-nos a fazer uma visita a uma sua tia, distincta Snra. que ha muito não tenho o prazer de ver.

Não quiz ir. Não que o meo traje fosse *indigno*; mas porque a tinta da mascara cada vez mais derretia-se: o calor era insuportavel...

Meio empurrada pelo Leocadinho conseguiu chegar a *tropa* até a sala de visitas da dona da casa!...

Palavra que arrependi-me: pisar custosos tapetes com sapatos enlameados e porcos, era por certo um peccado!

O Leocadio, sempre puchando a *tropa* (sem *gaita*) dirigio-se em delicado falsete á sua tia:

— Boa noite, a Snra. como vaç? o Leocadinho está em casa?...

— Está sim senhor, e em tão má occasião que não vê o estado immundo de seos sapatos a sujarem-me a sala! *Puchem* todos d'aqui, *cabada* de vadios, disse a rir a excellente tia do Leocadio...

E' inutil dizer como ficamos desconcertados... E á voz de *puchem*, o Leocadio

retrocedeo, carregando mais uma vez com a *tropa*, *gaita* e tudo...

Desde esse dia nunca mais sahi de mascara. Já fazem 14 annos!

N'aquelles tempos felizes não haviam confettis nem serpentinas nem estalos nem Puritanos, quanto mais Batalha de Flores!...

Hoje tudo mudou: Leocadinho casouse; Epaminondas, coitado, morreo; eu, inutilizei-me nas Tijucas...

Mas restam ainda as celebres varas e os pulinhos significativos da *gurizada* que n'um côro infernal e cadenciado, grita: — *Mascarado do pé rasgado!*...

J. RIBEIRO

Março—98.

## Bioletes

Qual será disto a razão...  
Noto em ti muita tristeza.  
Te peço me diga — Alteza,  
— Tivestes acaso um não?...  
Noto em ti muita tristeza,  
Qual será disto a razão.

Assim, me fazes pensar  
Em muita cousa, querida,  
Começo então a cantar  
As miserias desta vida!  
Em muita cousa, querida,  
Assim me fazes pensar...

Dá-me um sorriso dos teus,  
Desse teus labios, mimosa,  
Que perfume têm de rosa,  
Que são os peccados meus!...  
Desse teus labios, mimosa,  
Dá-me um sorriso dos teus.

Cantarolando no ar,  
Sinto o teu pensamento.  
E' tão vago o teu tormento  
Que não posso advinhar.  
Sinto o teu pensamento  
Cantarolando no ar!...

LEOCADIO CORREIA.

1898.

## Galumnia

O Arthur Marcondes, a quem era conferido o qualificativo de conquistador feliz e experimentado, depois de pretenciosamente se ter declarado ternamente apaixonado pela elegante Ismenia, noiva ou cousa que o valha do

Dr. Vieira Sampaio, teve a petulancia, a ousadia inqualificavel de publicar um soneto, dedicado quasi que directamente a ella, cujo ultimo terceto era:

.....  
E um sorriso nos teus labios, franco  
Como o amor immenso que te expuz  
Encheo meo coração de vida e luz.  
.....

Quem, como eu, conhece a tempera pagodista de Ismenia e conhece o Marcondes, como eu só, havia de rir gostosamente ao vel-o pronunciar-se tão conscio da conquista que fez.

Ismenia, o primeiro desejo que teve foi rir-se dessa parvoice; mas bem depressa a lembrança de ser noiva fez com que seo semblante, sempre illuminado por um raio de alegria, se anuviasse.

— Não consinto nessas tolices do Snr. Marcondes. Vou contar tudo o que elle me disse ao Vieira, para que este não me julgue mal.

E contou...

O effeito produzido no espirito do noivo não foi o esperado. Vieira contentou-se em perguntar:

— Tu acreditaste na torrente de asneiras que elle te vomitou nos ouvidos?

— O que? Pois tu crês?...

Bem, bem; basta, fico satisfeito.

Seriam 5 horas da tarde do dia seguinte ao que estavamos, quando Vieira chegou à casa de Ismenia e até parece que mais satisfeito que do costume.

— Sabes, querida, que o teo apaixonado duvida da tua amizade para commigo e está bem disposto a pedir-te em casamento?

— Sim?! disse Ismenia procurando encontrar nas palavras do noivo algum vislumbre de ciume.

Embalde. O Vieira não era desses. Ciume para elle era objecto de luxo.

— E' verdade. Ha pouco quando eu sahia de casa, encontrei-me com o Soares que affirmou isso. Effectivamente o Marcondes está seriamente apaixonado; sim, elle que tão publicamente atreve-se a propalar a falta de

amidade que me votas, é que realmente elle está ferido, está...

—Entrevejo nestas tuas palavras uns toques leves de ironia que me punge deveras !...

—Ora !... ora !...

—Não tens confiança na minha sinceridade ?

—Oh ! nunca duvidei de ti !

—Nunca também me deste a prova disso.

—Queres uma ?

—A qual ?

—Contaram-me, e eu não acreditei, vês ; que ... eras mãe de uma filha...

—Mentira ! Infamia ! Tive, é verdade, mas foi um filho e esse nasceu morto.

Curityba, Março, 98.

LEITE JUNIOR

### N'uma cedula de 5 fachoç

Dinheirinho de minh'alma  
Vais te ausentar de mim...  
Meu coração não se acalma  
Das magoas que não têm fim !...

Vai, amor, mas volta logo,  
Que, a tua espera triste fico...  
Não vás p'ra banca de jogo  
Nem p'ra burra d'alguem rico...

CRI-CRI.

### Confetti

A Floripa é a mulata mais chistosa do meu bairro.

Quando passa *pinchando* poeira, sacudindo os quadris, n'um andar concupiscente, provocantemente peineirado, a rapaziada do bairro fica se babando n'uma suprema exaltação dos sentidos. E no tubo flexível de suas veias o sangue ferve e referve attingindo á ultima pressão da volúpia !

E é assim que a rapaziada fica quando esse feitiço passa peineirando os quadris com elegancia assombrosa.

Maldita creatura que traz em repleta contradança os *cabras* do bairro onde eu moro purgando os meus peccados por nunca ter merecido nem si quer uma risada da Floripa, que põe desnortada a rapaziada guapa do logar.

Ella é um perigo, uma tentação, um abysmo !

As pedras movem-se ao sentir o contacto de seus pésinhos ; os arvoredos se embalam ao rocio de seu halito cheiroso, e até o sagrado Crucificado que pouza eternamente no desataviado nicho da capella do bairro parece que estremece e que esperneia na cruz quando vê approximar-se o corpo immaculado da generalissima do bairro.

Um dia, que escandalo formidavel ! O Marechal, homem dos seus sessenta Janeiros, já sem munição e sem combustivel na caldeira, foi passar uma temporada no meu bairro, em demanda de ares mais puros do que os da praça em que arrastava os pesares accumulados durante uma já desdobraada existencia.

Ao ver, n'uma bella manhã de domingo, a Floripa passar encantadora, toda de branco, alvissimo jasmim no penteado fidalgo de amazona graciosa e fita cor do céu á tira-colo, o Marechal endoudeceu, rejuvenesceu, poz-se no bico dos pés, e, boquiaberto, excitado, quasi delirante bradou :

*Quebra, morena, quebra,  
Desconjunta esse quadril :  
Que a mulata quando quebra  
Tira fogo sem fuzil !*

S. PARANÁ.

### Em curvatura

O nosso sympathico e talentoso companheiro, João Leite Junior a quem tanto deve o «Sapo» devido a esplendida lembrança do apparecimento d'elle, completou no dia 3 mais um anno de existencia, cercado das manifestações singelas de seus amigos. Ao espoucar do... da... do... da cerveja, foi o *Nino*, o adoravel *Nino*, o mesmo que pela sua palavra fluente e espirituosa tantas sympathias têm sabido alliciar, brindado, muito brindado.

Ao bom companheiro desejamos um futuro suave, já que cahio na asneira de... emancipar-se.

### Estou frito !...

Querem que escreva ? mas... o que ?  
Si já sumio-se meu éstro ? !...  
Não pensem ser isto séstro  
Pois sou franco, mesmo porque

Assim estou acostumado....  
Embora invoque minha musa  
Ando tão encaiporado  
Qu'ella a vir té se recusa !...

E... agora... o que fazer ?...  
(Quero ver si já m'escapo  
Com o recado) : «Venho trazer  
Aos Redactores d'O Sapo  
De saudações um milhão »...  
(Escapei-me !... Que alegrão !...)



CRI-CRI.

### Dr. Emiliano Pernetta

Este nosso distincto Amigo, cuja reputação litteraria está solidamente firmada, fez-nos a honra de acceder ao nosso pedido, eucarregando-se do artigo de apresentação d'«O Sapo».

Reconhecendo que a sua assignatura é uma recommendação para o nosso modesto periodico, agradecemos sinceramente ao distincto confrade, esperando que «O Sapo» continuará a ser distinguido com a sua util e apreciada collaboração.

### Hieroglyphos

Convidamos a todos aquelles que apreciam a bella e salutar diversão charadistica, para os torneios que semanalmente se realisarão n'esta secção.

Aos amadores do genero, pedimos o obsequio de deixarem os trabalhos na Livraria Economica, dos Srs. Annibal, Rocha & C., endereçados á esta redacção.

Com a bõa aceitação, que esperamos, será pela *saparia* dispensada a esta secção, trataremos da recompensa que consistirá em premios de algum merecimento, ao *sapo* que mais se distinguir.

Enthusiasmo e... em guarda :

### Charada

E' tão fino este tecido — 2  
Que se encontra em Taquary ; — 1  
Que o jornal só faz reclame  
Para vestido de Cecy.

Algum.